

## PLATÃO E ARISTÓTELES: DIFERENTES SENTIDOS DA IMITAÇÃO NA ARTE\*

Felipe Marques Marçal de Carvalho

### RESUMO

Muito antes de a estética se consolidar, no século XVIII, como campo filosófico que examina o belo e a arte, a arte já era objeto de análise de filósofos. Na antiguidade, destacam-se os escritos de Platão e de Aristóteles sobre o tema. Neste artigo, examinamos os diferentes sentidos da imitação artística nas filosofias platônica e aristotélica. Nas reflexões platônicas referentes à arte, a imitação é relacionada com os aspectos negativos da alma, distanciando os seres humanos do conhecimento e da vida moralmente apropriada. Aristóteles, por sua vez, defende a imitação da arte como atividade que segue as regras da natureza e contribui para o conhecimento e a educação dos seres humanos. Em nosso percurso expositivo, apresentaremos, respectivamente, considerações de Platão e de Aristóteles acerca do teor imitativo da arte, procurando identificar as explicações diversas desses filósofos acerca da imitação artística.

**Palavras-chave:** Aristóteles. Arte. Conhecimento. Ética. Imitação. Platão.

### ABSTRACT

Long before aesthetics was consolidated in the 18th century as a philosophical field that examines beauty and art, art was already being analyzed by philosophers. In ancient times, Plato's and Aristotle's writings on the subject stand out. In this article, we examine the different meanings of artistic imitation in Platonic and Aristotelian philosophies. In Platonic reflections on art, imitation is related to the negative aspects of the soul, distancing human beings from knowledge and a morally appropriate life. Aristotle, on the other hand, defends the imitation of art as an activity that follows the rules of nature and contributes to the knowledge and education of human beings. In our exposition, we will present, respectively, Plato's and Aristotle's considerations about the imitative content of art, trying to identify the different explanations of these philosophers about artistic imitation.

**Keywords:** Aristotle. Art. Knowledge. Ethics. Imitation. Plato.

### Introdução

---

\* Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito para obtenção do diploma de licenciatura em Filosofia, sob a orientação do Prof. Dr. Amir Abdala.

Este artigo tem a proposta de examinar noções filosóficas da arte como imitação nas diferentes concepções teóricas de Platão (427-347 a.C.) e de Aristóteles (384-322 a.C.). Em seus escritos, encontram-se as primeiras reflexões sobre a arte na história da filosofia<sup>1</sup>. Ambos os filósofos partem do princípio de que a arte se expressa no mundo de forma imitativa, porém compreendem esse teor da arte sob perspectivas distintas, o que implica considerações diversas desses filósofos sobre as relações entre atividade artística, conhecimento e sociedade. Nesse contexto, a questão principal deste texto se refere às diferentes naturezas da imitação artística nas filosofias platônica e aristotélica.

No primeiro tópico, procuramos delimitar como Platão enxerga e julga a arte, considerando sua contextualização na metafísica desse filósofo e, especialmente, suas ponderações acerca da atividade artística como *mimese* (imitação), desenvolvidas no livro X da obra *A república*. No âmbito de seu dualismo ontológico, Platão apresenta uma visão essencialmente pejorativa de artes como pintura, escultura e literatura, por estarem afastadas três graus da verdade: são imitações das imitações, pois se baseiam nas coisas do mundo sensível, que são reproduções enfraquecidas dos seres do mundo inteligível. Por sua distância da verdade, a arte, de acordo com esse filósofo, exerce influência negativa sobre os seres humanos, excitando sentimentos e estimulando o núcleo irracional de suas almas, afastando-os, assim, de uma vida conduzida pela razão.

No segundo tópico do texto, apresentamos o ponto de vista de Aristóteles sobre a arte, principalmente acerca da tragédia, registrados em seu livro *Poética*. Para tanto, partimos de breves indicações da classificação aristotélica das ciências, no interior da qual as artes são designadas por seu pertencimento às ciências produtivas. Aristóteles também define a arte como *mimese*, mas compreende a relação de imitação como algo positivo, que segue as regras da natureza e a complementa, ao mesmo tempo que é aspecto associado à atividade da natureza humana. Aristóteles avalia como benéfica a influência das tragédias sobre as emoções humanas. Segundo esse filósofo, a literatura e o teatro exercem importante papel pedagógico na cultura grega.

Em nossas considerações finais, comparamos diretamente as concepções de imitação artística nas filosofias de Platão e de Aristóteles, destacando seus sentidos diversos e, em considerável medida, contrários.

---

<sup>1</sup> As análises filosóficas sobre a beleza e a arte pertencem ao campo filosófico nomeado como estética, área da filosofia que se consolida no século XVIII. Entretanto, as primeiras reflexões sobre esses temas aparecem na filosofia antiga, precisamente com Platão e Aristóteles. No presente trabalho, concentramo-nos na análise das ponderações platônicas e aristotélicas sobre a arte, sem tratarmos de suas considerações filosóficas acerca da beleza (Talon-Hugon, 2009).

## 1 Platão: imitação artística como cópia da cópia

A compreensão das considerações platônicas sobre a arte como imitação requer contextualizá-la em sua explicação metafísica do conjunto da realidade, ou melhor, em sua teoria das ideias, em que se articulam o nível dos seres em si (das formas ou ideias) e o nível sensível do real.

### 1.1 A metafísica platônica: plano das ideias e plano sensível

O historiador da filosofia Giovanni Reale, em sua *História da filosofia antiga: Platão e Aristóteles* (1994, p. 61-80), explica detalhadamente a concepção platônica do termo *ideia*. Ele inicia sua explanação observando que, na cultura moderna e contemporânea, usamos a palavra *ideia* para designar exercício de pensamento, criação de algo ou até mesmo elaboração intelectual para a resolução de problemas. Porém, o termo, na filosofia de Platão, refere-se às formas suprassensíveis, consistindo nas essências primordiais das coisas e dos seres do mundo sensível. Indiscutivelmente, percebe-se que o uso platônico da palavra *ideia* revela seu significado como conceito metafísico que tem o objetivo de esclarecer aquilo que é puramente inteligível, a realidade plena das coisas, à qual podemos acessar unicamente com o intelecto.

Nesse sentido, Reale menciona a importância da metáfora da segunda navegação (1994, p. 63), apresentada por Platão em seu diálogo *Fédon*. Por meio dela, o filósofo aponta para o imaterial, as formas ou ideias, que não tem qualidades físicas, existindo plenamente no âmbito metafísico. A segunda navegação é a filosofia vista por Platão como movimento intelectual necessário à ultrapassagem do sensível em direção às essências: uma navegação mais árdua do que a primeira, realizada pelos pré-socráticos, comparada com o método da locomoção as velas, que se limitava, então, a percorrer o plano sensível da realidade. A segunda navegação é feita a remos. Nela, a alma navega por um mar de ignorância para, de fato, alcançar o que seria verdadeiro e imutável, as formas inteligíveis, que são as essências eternas do bem, do verdadeiro, do belo e do justo. Para Platão, as ideias têm sua existência captada apenas pela via da inteligência, pois são incorpóreas e compõem a realidade perfeita e inteligível.

Nota-se, então, a distinção clara entre o plano metafísico e o plano físico no delineamento da teoria filosófica de Platão<sup>2</sup>. No dualismo ontológico da metafísica platônica,

---

<sup>2</sup> Giovanni Reale destaca que essa distinção – o dualismo ontológico platônico – teve sua primeira aparição no diálogo *Fédon* (1994, p. 65-66). O diálogo gira em torno dos últimos momentos de Sócrates, que estava prestes a ser executado por envenenamento. *Fédon*, um discípulo próximo de Sócrates, relata a conversa que teve com ele antes de sua morte. Sócrates argumenta que a alma é imortal e que a morte é apenas a libertação do corpo físico.

no qual a realidade se compõe de níveis distintos, hierarquizados e articulados – o inteligível e o sensível –, observa-se a complexa conjugação de aspectos do heraclitismo (a noção de *devenir* formulada por Heráclito de Éfeso) e do eleatismo (a noção de *ser* formulada por Parmênides de Eleia)<sup>3</sup>.

A esse respeito, Giovanni Reale escreve:

O mundo do vir a ser é o mundo sensível, o mundo do ser e do imóvel é o mundo inteligível. Em outras palavras: o mundo das coisas sensíveis é que possui as características que Heráclito e, sobretudo, os heraclitianos atribuíam a todo o ser; enquanto é o mundo das Ideias que possui as características que Parmênides e os eleatas atribuíam a todo o real. (1994, p. 69).

Platão discorda do argumento heraclitiano de que a realidade se resume ao fluxo incessante de transformações, mas acolhe a concepção da mudança no mundo sensível. A influência do eleatismo no pensamento platônico se dá principalmente pelas concepções do ser e de realidade plena. Como os eleatas, Platão apresenta a crença que o verdadeiro ser é imutável e eterno. Porém, para Platão, há seres imutáveis e eternos – e não um único ser. E as coisas do devir no mundo sensível são reproduções imperfeitas dos seres eternos, quer dizer, das ideias.

Dessa maneira, Giovanni Reale ressalta a imutabilidade e perseidade das ideias platônicas (1994, p. 64-72). A perseidade consiste na objetividade das ideias, que existem em si mesmas e por si mesmas de modo pleno – as ideias são realidades inteligíveis objetivas. A imutabilidade refere-se ao fato de que, em sua plenitude de ser, elas não se modificam jamais, são eternamente idênticas a si mesmas. Dessas ideias derivam os seres do mundo, imperfeitos e submetidos ao devir.

Reale exemplifica com a ideia de beleza e as coisas belas do mundo:

Com efeito, uma mudança na própria Ideia de Belo, isto é, o seu tornar-se não-bela, implicaria a destruição total também de toda beleza participada, o desaparecimento de toda beleza empírica, já que, comprometida a causa, [...] ficaria comprometido também o causado. Em outros termos, declarando *imutável* a Ideia, Platão quis afirmar o conceito de que a *causa verdadeira que explica o que muda não pode mudar ela mesma, pois do contrário não seria a “verdadeira causa”*, isto é, não seria a razão última. (1994, p. 71).

Na metafísica de Platão, portanto, cada ideia é uma unidade responsável por múltiplas coisas sensíveis existentes, que são suas cópias fragilizadas. As existências sensíveis são

---

Platão utiliza este diálogo para explorar conceitos fundamentais de sua filosofia, como a dualidade entre o mundo sensível e o mundo das ideias.

<sup>3</sup> Parmênides e Heráclito, com suas divergências sobre ser e devir, são responsáveis pelo início das discussões ontológicas ou metafísicas na época pré-socrática. Esse confronto teórico influencia profundamente a filosofia posterior. Platão por exemplo, elabora a conciliação das teorias de Parmênides e Heráclito em sua teoria das ideias, procurando conjugar aspectos dessas concepções em sua rebuscada explicação filosófica da realidade.

manifestações imperfeitas do plano das formas (das ideias). O conhecimento verdadeiro realiza-se na ciência de que toda essa multiplicidade do sensível remete às unidades inteligíveis – conhecer é acessar intelectualmente as ideias.

Em um exemplo simples: existem vários cavalos no mundo físico, cada um com suas características específicas, como cor e tamanho, mas todos são realizações de uma essência, da ideia de cavalo, eterna, imutável e plena, da qual são provenientes todas as formas físicas de cavalo existentes na esfera sensível.

No dualismo ontológico platônico, a realidade se compõe na articulação hierarquizada de dois planos, o inteligível (nível superior e pleno de realidade) e o sensível (nível inferior e mutável de realidade). Há, assim, transcendência, à medida que as ideias são suprassensíveis. As ideias trouxeram a Platão a noção do mundo inteligível como incorpóreo e metafísico, transcendente em relação ao que é sensível. Essa transcendência, contudo, não concerne a uma separação absoluta entre suprassensível e sensível, mas sim à interação entre mundo inteligível e físico (Reale, 1992, p. 75-82).

A interação ente o inteligível e o sensível pode ser compreendida como uma relação de *mimese* (imitação). O mundo sensível exprime o inteligível pela imitação; à medida que a realidade essencial de seus seres existe por sua participação nas ideias. Se as ideias são eternas, os seres do plano sensível, suas reproduções fragilizadas, surgem, se desenvolvem e desaparecem. Essa instabilidade dos estados das coisas desqualifica a *mimese* como uma possível representação perfeita. Nessa interação, podemos identificar a dependência do sensível em face do inteligível<sup>4</sup>.

## 1.2 A arte: imitação da imitação

No que diz respeito à arte na antiguidade, as primeiras discussões conceituais sobre o tema aparecem em textos de Platão e de Aristóteles, sempre contextualizadas em suas teorias filosóficas. Inicialmente, é preciso observar que, na antiguidade e na medievalidade, o termo arte não se referia exclusivamente ao que, a partir da cultura moderna, denominamos *belas-artes*, criações artísticas que não se vinculam a propósitos utilitários. De modo geral, arte dizia respeito a todas as atividades fabricadoras dos seres humanos.

---

<sup>4</sup> Giovanni Reale observa que as relações entre dimensão inteligível e dimensão sensível são tema complexo da filosofia platônica (1994, p. 75-82), acrescentando que Platão, no diálogo *Timeu*, recorreu à figura do demiurgo divino na mediação entre o inteligível e o sensível. O demiurgo é a personificação da inteligência suprema, com a responsabilidade de mediar as interações entre o sensível e o inteligível, para que cada imitação venha a trazer o máximo possível de semelhança com a ideia original.

A palavra usada para representar essas ações na Grécia era *techné*:

A palavra *techné* designa o conjunto dos conhecimentos práticos e das capacidades requeridas para a execução de uma tarefa ou para a confecção de um produto, assim como aquilo a que se aplicam estes saberes. (Talon-Hugon, 2009, p. 20).

A questão da técnica na antiguidade grega era acompanhada do sentido de saber-fazer, ter uma habilidade para desenvolver algo, o que incluía diversificadas atividades, como, por exemplo, a criação de uma escultura e o ofício do marceneiro, dentre tantas outras.

Na sequência, consideraremos principalmente as reflexões platônicas acerca das atividades artísticas que pertenceriam ao que, na época moderna e contemporânea, entendemos como arte. No livro X de *A república* (2009, p.449-496), esse filósofo apresenta uma análise detalhada da relação entre a filosofia e as artes de imitação, como a pintura, a escultura e a poesia<sup>5</sup>.

A filosofia platônica, como destacamos anteriormente, valoriza a busca intelectual pelo conhecimento que se efetiva na contemplação das ideias ou formas eternas. Na metafísica de Platão, o mundo sensível é o nível inferior de realidade. Nele, os objetos produzidos pelos seres humanos são confeccionados por meio de técnicas que efetuam *mimese* baseada nos paradigmas eternos, as ideias. Os objetos produzidos pelas atividades humanas seriam, de certa forma, uma produção de segundo grau, já que dependem da existência das ideias do inteligível, nas quais os artífices fundamentam a realização de seus ofícios.

Essa relação entre ideias e objetos fabricados é apresentada pelo personagem Sócrates no livro X de *A república*:

— Acaso não existem três formas de cama? Uma que é a forma natural, e da qual diremos, segundo entendo, que Deus a confeccionou. Ou que outro Ser poderia fazê-lo?  
 — Nenhum outro, julgo eu.  
 — Outra, a que executou o marceneiro.  
 — Sim.  
 — Outra, feita pelo pintor. Ou não?  
 — Seja.  
 — Logo, pintor, marceneiro, Deus, esses três seres presidem aos tipos de leito. (2009, p. 453).

Desta maneira, podemos identificar as ideias do inteligível como paradigmas dos objetos fabricados. No exemplo apresentado, o marceneiro precisa conhecer a ideia de cama

<sup>5</sup> O vocábulo grego *poiesis* significava a ação fabricadora dos seres humanos, possuindo então semelhança com a acepção da palavra *techné*. Em sentido mais específico, reportava-se ao conjunto de citações literárias – epopeias, tragédias e textos dramáticos em geral. Neste artigo, empregamos o termo *poesia* em sua correspondência com a literatura.

para confeccionar camas. E as camas fabricadas, por melhor que sejam suas qualidades, são de uma realidade inferior comparativamente à ideia de cama. E quanto ao artista que pinta uma cama? Ele sequer necessita conhecer a ideia de cama para confeccionar sua pintura. O pintor pode se basear apenas nas camas do mundo sensível e representá-las sob sua perspectiva. Sua atividade está dissociada do compromisso com o conhecimento e se encontra muito afastada da verdade. Se a cama é uma imitação da ideia, a pintura da cama é uma imitação da imitação.

Platão considera as *belas-artes* em geral como imitações de imitações. Elas podem ser comparadas às sombras da caverna, alegoria utilizada pelo filósofo no livro VII de *A república* (2009, p. 415-459) para se reportar à sua teoria metafísica. Assim como as sombras, assumidas como totalidade do real pelos prisioneiros da caverna, são ilusões, ilusórias são artes como pintura, escultura e poesia, que mantêm os seres humanos distanciados do conhecimento e da verdade, retendo-os no nível mais superficial das aparências.

Dessa forma, Platão condena essas práticas artísticas de imitação, julgando-as nocivas para os seres humanos e a sociedade. Elas são obstáculos ao conhecimento e, além disso, estimulam o núcleo irracional da alma humana.

Sobre isso, destacamos a seguinte passagem do livro X de *A república*, que se refere especificamente à atividade dos poetas:

Teremos desde já razão para não o recebermos numa cidade que vai ser bem governada, porque desperta aquela parte da alma e a sustenta, e, fortalecendo-a, deita a perder a razão, tal como acontece num Estado, quando alguém torna poderosos os malvados e lhes entrega a soberania, ao passo que destruiu os melhores. Da mesma maneira, afirmaremos que também o poeta imitador instaura na alma de cada indivíduo um mau governo, lisonjeando a parte irracional, que não distingue entre o que é maior e o que é menor, mas julga, acerca das mesmas coisas, ora que são grandes, ora que são pequenas, que está sempre a forjar fantasias, a uma enorme distância da verdade. (2009, p. 469).

Notam-se, no trecho citado, as severas críticas de Platão a respeito da poesia<sup>6</sup>, consideradas prejudiciais ao conhecimento, à educação e à organização política da sociedade, sobretudo porque ela incita a irracionalidade dos seres humanos. Neste momento, é importante registrar brevemente as conceituações de natureza humana e de sociedade política ideal, desenvolvidas especialmente nos livros III e IV de *A república* (2009, p. 101-208).

Platão destaca três aspectos que são responsáveis pela composição da alma humana: a inclinação apetitiva ou concupiscente, relacionada aos desejos e prazeres; a propensão colérica ou irascível, associada à agressividade; e a faculdade racional, que se orienta pela razão. Os

---

<sup>6</sup> Deve-se registrar que, apesar de suas severas críticas à poesia, Platão demonstrava reverência cultural aos poemas homéricos.

primeiros aspectos – o apetitivo e o colérico – são pertencentes à dimensão irracional e se relacionam ao plano sensível da realidade, enquanto o último aspecto, a capacidade racional, eleva o ser humano ao nível inteligível dos seres em si. Em todos os indivíduos, essas diferentes tendências da alma estão presentes, exprimindo características essenciais da natureza humana.

Com o uso da razão se evidencia uma conexão entre o intelecto humano e as ideias, ou seja, os seres perfeitos e eternos. Isso significa a predisposição ao conhecimento verdadeiro e pleno. O uso dessa faculdade dispõe os seres humanos ao exame moral de suas ações, à busca por condutas moralmente justas. De acordo com Platão, a racionalidade é a inclinação mais elevada da humanidade, já que, diferentemente das demais, ela consegue transcender e se desvincular do plano sensível, evidenciando sua conexão original com o eterno e imutável nível dos seres inteligíveis.

Pela afinidade preestabelecida com as ideias, a faculdade racional deve prevalecer sobre as inclinações apetitiva e colérica da alma. A verdadeira autonomia e o autodomínio dos seres humanos dependem inteiramente da capacidade de submeter suas propensões irracionais ao controle do *logos*, da razão. Em sentido contrário, aqueles que permitem que suas vidas sejam dominadas pelo apetite ou pela cólera tornam-se escravos de suas paixões e, por consequência, incapazes de atingir o governo racional de si mesmos.

Platão baseia-se na estrutura tripartite da alma para discorrer sobre a organização da sociedade política ideal<sup>7</sup>. A sociedade política ideal é composta por três categorias de cidadãos, cada uma associada à função correspondente à tendência dominante na alma de seus indivíduos: os trabalhadores, nos quais predomina a faculdade apetitiva; os guerreiros ou guardiães, caracterizados pela predominância da faculdade colérica, e os filósofos-governantes, nos quais a faculdade racional é suprema. Assim, a hierarquia social reflete a própria estrutura da natureza humana e estabelece uma ordem que, para Platão, assegura a harmonia e a justiça social.

Nesses termos, Platão condena as artes imitativas e especialmente a poesia. A poesia tende a influenciar negativamente as pessoas, pois favorece o predomínio dos desejos, dos sentimentos e das paixões sobre a razão.

A condenação platônica das artes imitativas deve-se ao fato de o filósofo identificá-las como percalço para o conhecimento verdadeiro e o desenvolvimento moral dos indivíduos, pois elas atuam de forma a desviar a alma do caminho de busca pelo bem e pela verdade;

---

<sup>7</sup> No plano expositivo de *A república*, Platão parte de sua explicação da sociedade política ideal para a descrição conceitual da natureza humana (2009, p. 101-208). Entretanto, é sua concepção de humanidade que embasa sua teoria política. Devemos ainda observar que a expressão sociedade política ideal não indica apenas relações sociopolíticas desejáveis, mas sim uma sociedade politicamente estruturada em referência ao nível superior das ideias.

promovendo ilusões em vez de contribuir para a compreensão racional do dualismo ontológico e de seus desdobramentos no campo ético. Platão considera as *belas-artes* como imitação da imitação; ao imitar apenas o mundo sensível, que é imperfeito, as artes impedem a elevação da alma ao plano das ideias e distanciam os cidadãos de ações virtuosas. Devido a isso, Platão condena e as reproduções artísticas em sua cidade ideal, destacando que elas contrariam os princípios que sustentam uma sociedade política justa, que busca priorizar o uso da razão em benefício do conjunto dos cidadãos.

## **2 Aristóteles: a arte imitativa segundo as regras da natureza**

O entendimento do sentido da imitação artística na filosofia de Aristóteles exige apontamentos introdutórios sobre seu sistema filosófico. Portanto, inicialmente indicaremos aspectos gerais da filosofia aristotélica, para depois explanarmos suas considerações no domínio da arte.

### **2.1 Aristóteles, as ciências e a realidade**

Com interesse de compreender o mundo em que habitamos e organizar as formas de saberes humanos, Aristóteles elaborou a classificação das ciências de acordo com seus objetos de estudos<sup>8</sup> (Chauí, 1994, p. 246-250). Em sua classificação das ciências, esse filósofo faz a separação em três grupos distintos: as teóricas, as práticas e as produtivas (*técnicas* ou *poiéticas*).

No que diz respeito às ciências teóricas (teóricas), são as que buscam clareza em relação ao mundo natural e aos seus fundamentos metafísicos, investigando causas e princípios que são responsáveis por governar os seres e fenômenos naturais, independentemente da influência humana. Essas ciências tentam focar nas verdades universais e eternas, que estão além da ação e da vontade humana. Metafísica, matemática e física são ciências teóricas.

As ciências práticas, por sua vez, são aquelas cujo princípio e causa residem no próprio ser humano, o agente da ação, e seu objetivo final é o próprio bem-estar humano. Nestas disciplinas, o agente, a ação e o propósito da ação estão intrinsecamente entrelaçados, sendo, então, indissociáveis. Elas se concentram na *práxis*, isto é, na atividade humana que não resulta em algo externo ao agente, mas sim em transformações no próprio agente. O ser humano age com base em sua vontade racional, fazendo escolhas deliberadas e refletidas. Portanto, o

---

<sup>8</sup> Na antiguidade, não havia propriamente distinção entre filosofia e ciência. A filosofia englobava toda a busca racional pelo conhecimento verdadeiro, enquanto os saberes que hoje consideramos científicos eram tratados como partes dessa investigação filosófica, sem a divisão específica entre áreas que temos atualmente.

princípio ou causa subjacente à ação nas ciências práticas é a vontade humana, orientada pela razão. É importante notar sua distinção em relação às ciências teóricas, que são contemplativas e lidam com objetos necessários e universais. Ética e política são ciências práticas

A terceira e última categorização refere-se às ciências produtivas, que têm como objetivo principal a geração e produção de algo novo, de objetos. Isso abrange disciplinas como arquitetura, escultura, poesia, música e tecnologia. Essas áreas representam domínios nos quais os seres humanos podem aplicar seus conhecimentos e habilidades para a criação de obras únicas, com diversas finalidades. Geralmente, os produtos dessas ciências têm seu propósito voltado para além de si mesmos, servindo a uma variedade de funções.

O ponto de interesse aqui é justamente a última categorização citada, a das ciências produtivas, mais especificamente no âmbito das criações artísticas como a pintura, a música, a escultura e a literatura, atividades relacionadas ao que denominamos *belas-artes*. Segundo Aristóteles, as atividades artísticas em geral imitam a natureza. Essa dimensão imitativa, porém, não tem o mesmo sentido da *mimese* na filosofia platônica: conforme a imitação aristotélica, a imitação da arte não se realiza como cópia dos seres, consistindo, isto sim, no fato de que as atividades artísticas seguem as regras da natureza e complementam a própria natureza, realizando o que ela não fez por si mesma (Chauí, 1994, p. 332-339).

Em linhas gerais, o sistema filosófico de Aristóteles diferencia-se da filosofia platônica à medida que nele não há propriamente uma divisão objetiva entre plano inteligível de seres plenos e plano sensível de reproduções imperfeitas. De acordo com sua teoria, os seres do mundo são compostos substancialmente por forma e matéria. O desenvolvimento dos seres no devir orienta-se pelas regras de causalidade, nas quais se conjugam causa material (a matéria de que algo é feito), causa formal (a essência que define o que algo é), a causa eficiente (a força ou atividade que desenvolve a forma na matéria) e a causa final (a finalidade de um ser). A concepção filosófica aristotélica tem sentido teleológico, e os seres atualizam suas potências no devir, ressaltando-se, assim, a primazia da causa final (Chauí, 1994, p. 274-288).

Essas regras aplicam-se, de diferentes formas, aos seres naturais, à humanidade e aos artefatos – consequentemente, também ao que chamamos de *belas-artes*. O texto de Aristóteles dedicado especialmente à criação artística é a *Poética*. Nesse livro, Aristóteles trata especificamente da tragédia, gênero literário e dramático muito apreciado pelos gregos antigos. Nas primeiras páginas desse livro, ele situa a importância da imitação para os seres humanos:

É possível perceber que toda poética tem na sua origem duas causas, ambas naturais. De fato, no ser humano a propensão é instintiva desde a infância, e

nisso ele se distingue de todos os outros animais; ele é o mais imitativo de todos; e é através da imitação que desenvolve seus primeiros conhecimentos. É igualmente por intermédio dela que todos experimentam naturalmente prazer. (2011, p.36).

É perceptível que a noção de que, para Aristóteles, a imitação; é uma característica própria da natureza humana, sendo de suma importância para o aprendizado e o desenvolvimento da razão nos seres humanos. Distintamente de Platão, que via a imitação como algo nocivo, Aristóteles compreende a ação humana de *mimese* como algo positivo, pois por meio dela os seres humanos, desde a infância, adquirem seus primeiros conhecimentos e experimentam prazer.

## 2.2 Poética de Aristóteles

Conforme antecipamos, criações artísticas, segundo Aristóteles, são formas de imitação. *Poética* é seu texto dedicado às artes criativas, quer dizer, especificamente ao exame filosófico das tragédias, textos literários para representação teatral<sup>9</sup>. As tragédias criam ações situações humanas fictícias que geralmente são universais. Nas encenações teatrais dos textos trágicos, os atores representam ações humanas que, em certa medida, podem ser observadas em vivências cotidianas, e tais ações podem ser dignas de admiração ou repulsa, exprimindo vícios e virtudes (2011, p. 46-58).

As tragédias<sup>10</sup>, portanto, são obras de ficção que destacam características da natureza humana em sua representação artística. De acordo com Aristóteles, trata-se de uma manifestação artística em que pode ser observada a natureza humana mais puramente, por revelar emoções, dilemas éticos e complexidades morais de forma densa e dramática. Nesse sentido, desponta um dos conceitos fundamentais da *Poética* de Aristóteles, o de *catarse*.

Nas palavras do filósofo:

Tragédia, assim, é a imitação de uma ação séria, completa, que possui certa extensão, numa linguagem tornada agradável mediante cada uma de suas formas em suas partes, empregando-se não a narração, mas a encenação teatral, na qual [os atores], fazendo experimentar a compaixão e o medo, visam à purgação desses sentimentos. (2011, p. 47).

Aristóteles argumenta que a tragédia provoca a *catarse* ou depuração das emoções no público, principalmente o medo e a compaixão. Ao testemunhar, por exemplo, a queda de um

<sup>9</sup> Aristóteles discorreu também sobre as comédias, mas seus escritos sobre essa temática se perderam ao longo da história (Aristóteles, 2011).

<sup>10</sup> É importante mencionar que a *Poética*, além de seu conteúdo filosófico, contém a análise aristotélica dos princípios necessários à criação das tragédias e os que delimitam sua composição e as sequências de sua trama.

herói virtuoso devido a um erro trágico, o espectador é confrontado com emoções intensas, mas, ao mesmo tempo, essas emoções são purificadas e liberadas, uma que vez que são experimentadas com a segurança da distância ficcional. Isso reflete a natureza humana de lidar com emoções reprimidas e complexas, e a tragédia fornece um meio seguro de expressá-las.

Nesses termos, a tragédia proporciona a identificação do público com os personagens. Com isso, existe a possibilidade de que os espectadores se coloquem no lugar dos personagens. Esses momentos dramáticos revelam verdades ocultas e desencadeiam fortes emoções, assim como se relacionam com a busca humana pela verdade. Com os personagens muitas vezes enfrentando dilemas, Aristóteles acredita que a tragédia permite aos espectadores refletir sobre aspectos da moralidade e sobre seus sentimentos. Em considerável medida, a tragédia apresenta, portanto, sentido pedagógico.

A ficção trágica propicia a catarse porque procede com a verossimilhança. Nessa perspectiva, Aristóteles compara a tragédia com os escritos históricos e com a filosofia:

O historiador e o poeta não se diferenciam pelo fato de um usar a prosa, e o outro, versos. A obra de Heródoto poderia ser versificada, com o que não seria menos obra de história, estando a métrica presente ou não. A diferença está no fato de o primeiro relatar o que aconteceu realmente, enquanto o segundo, o que poderia ter acontecido. Consequentemente, a poesia é mais filosófica e mais séria do que a história, pois a poesia se ocupa mais do universal, ao passo que a história se restringe ao particular. O universal é o que cabe a um certo tipo de pessoa dizer ou fazer em determinadas circunstâncias, segundo o provável ou o necessário; esse é o objetivo da poesia, ainda que atribuindo nomes aos indivíduos. (2011, p. 52-53).

A história<sup>11</sup>, assinala o filósofo, lida com eventos passados e a narrativa de eventos específicos que ocorreram na realidade. Os textos históricos procuram registrar e descrever o que realmente aconteceu, baseando-se em evidências e testemunhos. Assim, os historiadores se preocupam com fatos e detalhes específicos, não com verdades universais ou princípios gerais. A poesia, diferentemente, refere-se ao que é verossímil pelo prisma da universalidade: por exemplo, ao apresentar a trama de uma guerra, a tragédia não está se limitando a um conflito particular, mas sim referindo-se ao que é universal, aos elementos presentes na natureza da guerra. Por essa universalidade, a tragédia é superior à história e se aproxima da filosofia. Entretanto, a filosofia aspira à universalidade demonstrada racionalmente mediante conceitos em uma argumentação lógica, e não por meio de personagens e ações ficcionais.

---

<sup>11</sup> Essa concepção de Aristóteles sobre a história é aplicável apenas para os textos históricos de sua época, por se tratar de relatos, de uma visão descritiva de história. Essa noção não é aplicável aos estudos históricos da modernidade, devido à complexidade e à dimensão teórica interpretativa da historiografia contemporânea.

Com esses aspectos, delineia-se o teor imitativo da tragédia segundo a teoria filosófica de Aristóteles. Conforme afirmamos antes, essa noção aristotélica de imitação possui sentido muito distinto da concepção mimética da filosofia platônica.

A filósofa Marilena Chauí, em sua *Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles*, indica incisivamente essa diferenciação:

Pra Platão, imitar é degenerar, deformar, degradar a pureza do modelo. Por isso, na república ideal, a maioria dos artistas não teria lugar, havendo lugar apenas para os artesãos que realizassem obras úteis para a vida. A arte [...] permanece no campo da *eikasía*, cópia da cópia, do simulacro, e por isso não seria permitida na cidade ideal, pois é produtora de ilusões e mentiras. Ao contrário, Aristóteles [...] tem uma concepção muito positiva e elevada da *mímesis* [...]. A arte imita a natureza não significa que aquela copia esta, mas que, seguindo os mesmos princípios que a natureza [...] ou imitando esses princípios pela produção humana, a arte supera os limites da natureza e ajuda a natureza a realizar seus fins. (1994, p. 334).

### Considerações finais

Nestas considerações finais, destacaremos as visões contrastantes das filosofias platônica e aristotélica quanto ao sentido e ao valor da imitação artística. Platão e Aristóteles estão de acordo em relação à *mimese*, isto é, ambos concebem as atividades artísticas como imitação. As reflexões de ambos sobre a temática se desenvolvem com base em concepções imitação.

Na teoria filosófica platônica, o mundo sensível consiste no plano inferior da realidade, espécie de imitação do nível inteligível, dos seres plenos e imutáveis – as formas ou ideias. Os seres do plano sensível, submetidos ao devir, são reproduções imperfeitas dos seres em si. De modo geral, artes como pintura, poesia e escultura, as *belas-artes*, são imitações baseadas na realidade sensível, ontologicamente muito distorcidas e enfraquecidas, demasiadamente distantes da verdade.

Empenhado em estabelecer os fundamentos do verdadeiro conhecimento e as características da cidade ideal – politicamente justa –, Platão julga depreciativamente as artes, avaliando negativamente suas influências sobre a busca do saber, a moralidade e a organização da política da sociedade. Pelas artes, nossas emoções e nossos sentidos tendem a ser estimulados em detrimento aspecto racional da alma humana, ou seja, favorecem-se a primazia das inclinações apetitivas e coléricas em prejuízo da faculdade racional. A arte, então, não contribui para o desenvolvimento ético e intelectual dos seres humanos – ao contrário, é obstáculo para isso.

Em suma, Platão concebe a imitação artística como distanciamento da realidade perfeita e da vida humana virtuosa. Em sua perspectiva, a arte imita as aparências sensíveis, que, por sua vez, já são cópias imperfeitas das formas ou ideias. Assim, para Platão, a imitação artística mantém os seres humanos enredados no nível sensível e inferior da realidade. Platão argumenta em favor do desapego de tudo o que se vincula predominantemente com mundo sensível. Sua condenação gnosiológica e ética das artes de imitação é coerente com a natureza metafísica de sua teoria das ideias.

Aristóteles, em sentido muito diferente da perspectiva de Platão, compreende a imitação como aspecto essencial da realidade e da experiência humana. Na filosofia aristotélica, a imitação artística não é sinônimo de cópia, consistindo, isto sim, no fato de que as elaborações na arte seguem as mesmas regras da natureza – princípios de causalidade, atualização de potências e orientação teleológica – e realizam o que a natureza não fez por si mesma. As artes, então, são complementares à natureza.

Dessa forma, Aristóteles enxerga a arte como uma extensão da realidade e um meio de obtenção de conhecimento. A imitação é uma espécie de recriação que procede da natureza humana. Nota-se, portanto, uma conexão positiva entre imitação e realidade ao considerarmos a perspectiva de Aristóteles, pois se trata de um processo que enriquece a experiência humana, permitindo, inclusive, maior compreensão da vida e das virtudes.

As *belas-artes* remetem ao universalismo. Na tragédia, por exemplo, o ser humano imita ações humanas universais, o que permite ao público aprender e refletir sobre virtudes, vícios e emoções. Aristóteles acredita que, ao representar eventos e emoções por meio da arte, os artistas capturam verdades universais sobre a vida, a moralidade e as emoções. Assim, a *mimese* se torna um meio de explorar e refletir sobre a realidade, proporcionando uma forma de conhecimento.

Enquanto Platão vê a imitação como um afastamento do verdadeiro conhecimento, Aristóteles a situa conceitualmente como uma extensão da realidade e um caminho favorável ao conhecimento. Para Platão, a arte imita o mundo sensível e, por isso ocasiona um distanciamento do que é real e verdadeiro, assim como se constitui como obstáculo para a vida humana virtuosa em uma sociedade justa. Para Aristóteles, a arte possui um valor gnosiológico e educativo, complementando a atividade teleológica da natureza e contribuindo para a realização da finalidade natural dos seres humanos no mundo.

### **Referências bibliográficas**

ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: Edipro, 2011.

CHAUÍ, Marilena. **Introdução à história da filosofia:** dos pré-socráticos a Aristóteles. São Paulo: Cia. Das Letras, 2002.

PLATÃO. *A república*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

REALE, Giovanni. **História da filosofia antiga: Platão e Aristóteles.** São Paulo: Loyola, 1994.

TALON-HUGON, Carole. **A estética:** história e teorias. Lisboa: Texto & Grafia, 2009.